



## **TEORIA LINGÜÍSTICA: APROXIMAÇÕES E APROPRIAÇÕES**

LINGUISTIC THEORY: APPROACHING AND APROPRIATIONS

Por:

**Albeiro Mejia Trujillo**

*E-Revista Facitec, v.1 n.2, Art.1, dezembro. 2007.*

[http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com\\_content&task=view&id=9&Itemid=2](http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2)

---

Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial.

Em caso de dúvidas, consulte a redação: [revistafacitec@facitec.br](mailto:revistafacitec@facitec.br).

A e-Revista Facitec é a revista eletrônica da FACITEC, totalmente aberta, inaugurada em Janeiro de 2007, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site

[www.facitec.br/erevista](http://www.facitec.br/erevista).



## TEORIA LINGÜÍSTICA: APROXIMAÇÕES E APROPRIAÇÕES

LINGUISTIC THEORY: APPROACHING AND APROPRIATIONS

### Resumo

Neste artigo o autor propôs-se a realizar uma síntese de algumas teorias relevantes para o estudo lingüístico. Não tem a pretensão de ser original, mas, tão-somente, esquematizar teorias que são comuns a diferentes áreas do conhecimento e que podem ser, e às vezes são, utilizadas como categorias explicativas ou generalizações válidas no campo da análise lingüística. As teorias aqui esboçadas são derivações de teorias solidificadas na Biologia, Filosofia, Sociologia, Antropologia e na própria Lingüística.

Palavras-chave: teoria, lingüística, linguagem.

### Abstract

In this article the author proposes a synthesis of some theories concerning the linguistics studies. He does not intend to be original so ever, but to summarize theories within the different types of knowing in order to apply explanatory or generalizing categories valid also within the linguistics analysis. The theories approached in this study are traced from solid branches in the Biology, Philosophy, Sociology, Anthropology, and the Linguistics itself.

*Keywords: theory, linguistics, language.*



## INTRODUÇÃO

O século XIX borbulhou em teorias em quase todos os domínios da ciência. A partir da primeira guerra mundial houve uma mudança de perspectiva e a teoria, geralmente associada à Filosofia como “ciência inútil”, perdeu importância. A maioria dos cientistas estava interessada nos fatos concretos, verificáveis e manipuláveis como herança do positivismo comteano. As pesquisas de campo e laboratoriais tomaram conta da Antropologia, Sociologia, Psicologia e, da Lingüística que se desenvolveu nessa mesma direção. A influência do Positivismo na ciência chegou à História que se voltou para os fatos verificáveis, servindo-se, para isso, da Arqueologia, Paleontologia e da Química. A construção da “história viva” talvez seja um pouco o reflexo dessa orientação no sentido de que somente tem validade, como dado histórico, aquele fato que foi verificado e confirmado como real quando ele efetivamente aconteceu. A Filosofia padeceu da mesma influência que sofreu a História ao se orientar para os dados matematizáveis e quantificáveis (positivismo lógico).

Com o amadurecimento das ciências, a atividade teórica recupera importância, só que esta não devia estar desvinculada da prática. A teoria deriva de fatos concretos e estes devem inspirar teorias como meios explicativos de situações que serão verificadas para sua confirmação e/ou negação. Após a verificação retorna-se à teoria, que é uma generalização de observações mais ou menos constantes. O processo científico parte da teoria e a ela volta mediante a criação de modelos.

A Lingüística não é uma atividade científica expressiva na produção de teorias. O Gerativismo<sup>1</sup>, que é uma teoria relativamente recente, tem uma base inatista que provêm do Racionalismo e do criticismo Kantiano, além de influências marcantes do pensamento materialista, que

---

<sup>1</sup> Gerativo, no sentido tradicional da Lingüística, entende-se como Gramática Gerativa “que se caracteriza por ser explícita no sentido de que a natureza e o funcionamento das regras são descritos de maneira rigorosa e precisa, de modo a permitir a sua formalização” (DUBOIS, 2005, P. 307). A concepção teórica que fundamenta o Gerativismo chomskyano faz a diferença entre a Gramática Gerativa convencional que não tem necessariamente transformações e a Gramática Gerativo Transformacional, de Chomsky.



claramente orienta o pensamento de Chomsky. Talvez o Estruturalismo tenha alcançado sua maior expressão na Lingüística, mas é na Antropologia que se torna mais concreto. Como afirma o próprio Saussure: “a Lingüística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestado como lhe fornecem dados. Os limites que a separam de outras ciências não aparecem sempre nítidos” (SAUSSURE, 1986, p. 13). Outras perspectivas das análises utilizadas na lingüística derivam das teorias já esboçadas em outras ciências.

A Lingüística deve ser cuidadosamente distinguida da Etnologia e da Pré-História, onde a língua não intervém senão a título de documento; distingue-se também da Antropologia, que estuda o homem somente do ponto de vista da espécie, enquanto a Linguagem é um fato social; as relações da Lingüística com a Fisiologia não são tão difíceis de discernir: a relação é unilateral, no sentido de que o estudo das línguas pede esclarecimento à Fisiologia dos sons, mas não lhe fornece nenhum (SAUSSURE, 1986, p. 14).

Com algumas mudanças de orientação, a base de muitas teorias é a mesma, alterando somente o objeto sobre o qual se teoriza, no entanto o método de análise e o tipo de abordagem permanecem quase os mesmos. Ao falarmos de Estruturalismo, Sistemismo, Funcionalismo, Historicismo, Evolucionismo, etc., estamos nos referindo aos mecanismos de análise utilizados, entre outras ciências, na Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Biologia, História e, também, na Lingüística. Não se pretende com estas linhas esgotar ou apreender a essência das teorias abordadas, pelo contrário, embarga-nos a preocupação de estarmos sendo simplistas e reducionistas. Pretendemos, tão-somente, indicar algumas perspectivas teóricas que estão presentes tanto na Lingüística quanto em outras ciências. O subtítulo “aproximações e apropriações” deriva da consciência que temos de quão grande é a influência da Filosofia, Sociologia, Antropologia e Biologia, sobretudo na compreensão e leitura que fazemos destas teorias quando aplicadas à Lingüística. A seguir abordaremos alguns dados referentes às teorias mais representativas que se encontram presentes em diversas ciências e, que



embora tendo métodos e conceitos semelhantes que são aplicados a objetos diferentes ou, ainda, fazendo abordagem dos mesmos objetos em perspectivas diversas, tornam-se específicos quando aplicados, no nosso caso, à Lingüística.

## TEORIA ESTRUTURALISTA

O Estruturalismo tem origens múltiplas e é identificável, em Lingüística, a partir de 1916, tendo como marco de referência o *Curso de lingüística geral*, de Saussure. A perspectiva estruturalista defende que a análise sincrônica pode ser científica tanto quanto diacrônica e difere desta na medida em que a sua explicação é estrutural em vez de causal, não demonstrando o desenvolvimento histórico, mas de que maneira todas as formas e sentidos estão inter-relacionados num determinado sistema lingüístico em dado ponto no tempo. Mesmo sendo dois procedimentos de análise diferentes, eles são complementares. As línguas não são planejadas, nem evoluem no tempo de acordo com alguma finalidade interna ou externa e, por isso, deve tomar-se cuidado para não radicalizar o funcionalismo mecanicista.

As mudanças de ordem lingüística sucedem geralmente fora do próprio Sistema da "Ciência da Linguagem". Todavia, acontecem transformações provocadas por pressões estruturais dentro do sistema. Uma língua é uma estrutura independente da substância em que se realiza e nessa estrutura se dá ênfase especial às relações internas combinatórias e contrastáveis no âmbito de um sistema lingüístico. Um sistema desta natureza possui estruturas que podem ser abstraídas não apenas das forças históricas que lhe deram origem, mas também da matriz social em que funciona e do processo psicológico pelo qual ele é adquirido e tornado disponível para uso no comportamento lingüístico. As estruturas de um sistema lingüístico podem ser estudadas abstraindo-as da sociedade em que funcionam sendo que este fato não invalida a caracterização da língua como fato social, já que a análise das estruturas é feita através de uma decomposição analítica.



O Estruturalismo é um movimento interdisciplinar, não é um fenômeno isolado, e, sim, expressão de uma tendência geral de pensamento que, nas últimas décadas, tornou-se cada vez mais proeminente em quase todos os campos de pesquisa científica. O que caracteriza o Estruturalismo, no sentido mais amplo, é uma preocupação maior com as relações entre entidades do que com as entidades em si (LYONS, 1987, p. 203-207). O estilo e método do Estruturalismo conduzem ao descobrimento dos processos mediante os quais se combinam os diversos elementos de um todo, sendo que a estrutura é a unidade mínima que explica tais processos. Por isso, o conceito de estrutura é análogo em todas as ciências, precisando observar que sua aplicação depende e varia conforme os tipos de realidades que se querem clarificar: antropológicas, sociológicas, lingüísticas.

Etimologicamente, estrutura é uma ordenada composição de muitas coisas. A estrutura não faz referência propriamente ao conjunto de materiais que compõem um ser, mas ao modo como se unem em relações concretas para dotá-lo de forma e figura. Lingüisticamente falando, a palavra estrutura significa construção, no sentido mais corriqueiro do termo. Para realizar esta construção da linguagem é preciso fazer uma análise da mesma, isolando nela suas unidades mínimas naturais e autônomas. Assim, descobrimos que a linguagem é um todo em si, que se justifica por si mesma desde sua própria interioridade e cujos componentes funcionam segundo determinadas engrenagens, certas estruturas precisas e concretas, fora das quais a linguagem deixa de ser tal. Afirmar que a linguagem é estrutura equivale a afirmar que é um sistema de elementos dotado de determinada forma que a caracteriza e a opõe a outros sistemas que têm outras formas (RODRIGUEZ, 1989, p.165-167).

Lingüística estrutural é um conjunto de pesquisas que repousam em uma hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem como sendo uma entidade autônoma de dependências internas ou numa palavra, uma estrutura. Isto é, a abordagem estrutural da



linguagem é uma descrição da mesma em termos de relações entre unidades. A lingüística estrutural propõe-se a substituir a filosofia da linguagem por meio de uma pesquisa positiva e científica.

Na tradição francesa, que deriva de Saussure, linguagem é uma totalidade constituída pela língua e pela fala. Hipoteticamente pretende-se conceber a linguagem como uma entidade, negando-se a consideração da linguagem como sendo o produto mecânico de forças cegas e, que esta, seja um simples momento passageiro de uma evolução. A entidade lingüística é concebida como sendo essencialmente autônoma negando que ela possa ser simplesmente função de outra coisa. Não se aceita que a linguagem seja uma função meramente biológica, psicológica, sociológica ou fisiológica. A linguagem, estruturalmente, deve ser entendida como constituída de dependências internas. As unidades reais da linguagem não são os sons, ou os caracteres escritos, ou significados, são, antes, as relações que esses elementos representam. O que interessa são as relações mútuas no interior da cadeia discursiva. A língua não pode ser definida em termos de som e significado. A definição estrutural nos conduz a reconhecer, como linguagens, determinadas estruturas não consideradas como tais pela lingüística convencional (HJELMSLEV, 1991, pp. 29-46).



## TEORIA SISTÊMICA

O moderno enfoque dos sistemas busca substituir a antiga técnica mais analítica, atomista, por uma orientação mais holística em relação ao problema da organização complexa. A chave do pensamento moderno é a organização de quaisquer componentes em relações sistêmicas, sendo que estas prevalecem sobre o estudo das entidades, destacando-se o processo. Dentro de um sistema, o todo é mais do que a soma das partes. Esse “mais do que” aponta para a organização que confere ao agregado características não só diferentes, mas, também, muitas vezes não encontradas nos componentes isolados. Esse conceito esclarece que as partes de um sistema lingüístico não são independentes, mas que uma língua é um todo interligado.

O termo Sistema possui certo número de sentidos: há sistemas de números e de equações; sistemas de valores e de pensamentos; sistemas de leis; sistemas solares; sistemas orgânicos; sistemas de gestão; sistemas de comando e de controle; sistemas eletrônicos; sistemas lingüísticos; etc. Os sentidos deste conceito são muitas vezes de difícil compreensão. O mais geral, entretanto, é este *conjunto de unidades ligadas entre si*. A palavra “conjunto” sugere que as unidades possuem caracteres comuns. A natureza de cada unidade é condicionada e determinada pelo estado das outras unidades. Um sistema lingüístico exige, necessariamente, que haja um sistema físico em que suas partes são fisiológicas, envolvendo complexos intercâmbios de energia físico-química, e um sistema psíquico em que suas partes envolvem complexos processos comunicativos de troca de informação e simbolizações. Nas relações sistêmicas, dá-se a passagem dos elos de energia aos elos de comunicação e informação. Esta não é uma substância nem entidade concreta, senão uma relação entre conjuntos de variedade estruturada.

Há três tipos de sistemas: conceptuais, abstratos e concretos. Estes podem ser abertos ou fechados:

- Sistemas conceptuais são estruturações simbólicas apresentadas através da representação gramatical e de códigos





matemáticos. Há vários componentes que isolados não dizem nada, só fazem sentido quando estão inseridos em outro conceito e, embora havendo estruturas semelhantes no contexto, eles mudam segundo a utilização que se fizer deles.

- Sistemas abstratos dependem de uma idealização (abstração) mental; o idealizador ou observador age à luz de seus interesses; as relações podem ser determinadas empiricamente; um sistema é abstrato quando representa o conjunto de relações que constituem a forma de organização.

- Sistemas concretos ou reais definem-se como uma acumulação não aferida de matéria/energia, em um espaço/tempo físico organizado de maneira não aferida em subsistemas ou componentes ligados entre si.

## TEORIA HISTÓRICA

Não se deve confundir a perspectiva histórica de análise da linguagem com a história das línguas, nem com o Evolucionismo. Este pressupõe transformações que vão em direção a níveis de maior complexidade. A história das línguas descreve quais foram os passos seguidos e como aconteceu essa série de mudanças. A teoria histórica pretende mostrar que há diversos tipos de representações dos movimentos que acontecem na estruturação de uma língua, não interessando aqui as regularidades cronológicas, nem as circunstâncias topónicas. Há quatro perspectivas de análise do movimento das línguas que são: representação linear, circular, espiral e cíclica.

### a. Formação Linear das línguas

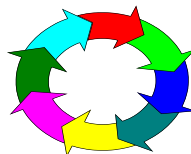


Esta forma de interpretação dos processos históricos de articulação das línguas prevê que todo sistema comunicacional segue um curso de evolução constante, em que o passado o presente e o futuro serão sempre estados diferentes. Este modelo de análise aceita que muitas mudanças



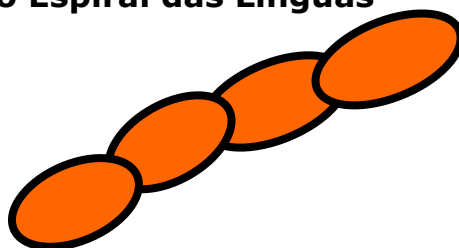
lingüísticas não são registradas e, por isso, não são determinantes no processo de organização das línguas. Somente aquelas transformações pontuais que são registradas servem de modelo para a construção de línguas e modelagem de estruturas que constituam as mesmas.

### **b. Formação Circular das línguas**



A análise circular dos processos de formação das diversas línguas assinala que há um ponto de partida que permite o desenvolvimento lingüístico e, devido às constantes transformações dos povos, surgem novas línguas como resultado das necessidades concretas de outras comunidades. As transformações sociais obrigam o homem a iniciar a construção de novos modelos de comunicação sempre de um ponto zero. Parece-nos falha esta teoria porque as mudanças lingüísticas acontecem lenta e gradativamente, chegando a ser, muitas vezes, imperceptíveis por várias gerações.

### **c. Formação Espiral das Línguas**

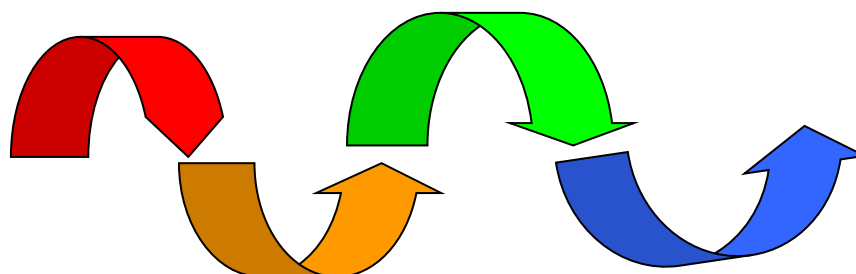


A interpretação espiral dos processos de mudança lingüística indica que a estruturação dos sistemas de comunicação dos povos é dada por avanços e retrocessos, e em cada retrocesso (aparente) continua-se o processo de transformações já iniciado. Diferentemente de uma perspectiva circular de interpretação dos processos lingüísticos, aqui, um reinício não se dá de um ponto zero absoluto, senão que se utiliza toda a experiência anterior como ponto de apoio para a reformulação de novos



modelos de comunicação. Esta perspectiva pressupõe que todos os processos lingüísticos são infinitos, somente a história mostra que há línguas que pararam de evoluir pelo desaparecimento das comunidades que as falavam: são as chamadas língua mortas, das quais não se têm registros fonológicos, como acontece com o latim ou registros gráficos, como sucede com o hipotético Indo-europeu. Outras línguas, por sua estrutura cultural hermética, param de evoluir e, com o tempo, entram em decadência.

#### **d. Formação Cíclica das línguas**



Este modelo de análise de formação lingüístico supõe que toda estrutura comunicativa tem um momento de início, outro de grande apogeu e, finalmente, um período de declínio. Todas as grandes línguas da história da humanidade provam haver acontecido o mesmo fenômeno: o Sânscrito, Aramaico, Hebraico, Fenício, Latim, etc. tiveram o seu início, desenvolvimento, momento de ouro e todas declinaram. Muitos povos chegaram a ter uma certa importância, não alcançando o topo do desenvolvimento. Este modelo aplica-se a linhas de pensamento, escolas filosóficas, expressões culturais, etc., que tiveram relevância em certos períodos históricos, sendo substituídos por outras manifestações culturais, políticas, religiosas, filosóficas, etc. Todavia, casos como a Língua Grega, que se foi transformando, nos leva a perguntar se esta perspectiva de análise pode ser generalizada.



## TEORIA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

O desenvolvimento de toda ação depende do papel atribuído ao significado da mesma. A interpretação localiza-se entre o estímulo e a resposta e, por isso, todo movimento intencional planeja-se em um nível ideal dentro de uma estrutura simbólica. A idealização tem predominância individual, mas a simbolização é construída em ambientes de interação. Este é o princípio básico de toda socialização e a linguagem é instrumento indispensável para que aconteça a integração. Pode-se dizer que, pela linguagem, são exteriorizadas as idéias que confluem para a simbolização dos contextos que criam a realidade fática.

O processo de trocas lingüísticas e de trocas simbólicas acontece em um plano de interação fatural. Todavia, existe um sistema de interações simbólicas que supera a realidade-fato e as trocas lingüísticas convencionais, entrando em um plano ideal de construção de outra realidade que é conhecida pelos indivíduos que dominam um consenso limitado e que pretendem estabelecer ordem e controle nos contextos sociais.

O Interacionismo Simbólico insere-se no contexto da "Ação Dramatúrgica", de Habermas. Isto é, todo indivíduo apresenta-se em um cenário e por isso é um ator. Como tal tem de impressionar e para isto tem uma gama de possibilidades com o objetivo de controlar o outro. A representação pode ser realista ou ideal, mas se está atuando o tempo todo. Alguns representam sozinhos e o campo de atuação é limitado, podem assumir o papel protagônico e dominar seus coadjuvantes e figurantes ou representar a ação como dominados. Esta ação fica no âmbito do cotidiano. Somente a atuação planejada, de ordem ideal, quando colocada em contextos de consensos aglutinadores, teleologicamente direcionada, constitui uma representação que leva à interação simbólica dominante.

Se o desenvolvimento de toda ação depende do papel atribuído a seu significado, o julgamento dessa atividade depende diretamente da recepção e do efeito causado sobre o indivíduo ou grupo que sofreu o



impacto da dramaturgia simbólica planejada. Há representações e simbolizações que se inserem em contextos circunstanciais e que podem ou não provocar efeitos sobre as ações planejadas. O impacto dessas ações isoladas e fortuitas é imprevisível porque elas acontecem simultaneamente com as representações finalísticas determinadas para certos contextos. A interferência de movimentos não previstos gera alterações nos processos de interação simbólica.

## TEORIA EVOLUCIONISTA

A Teoria Evolucionista foi apresentada, inicialmente, vinculada à Biologia e tinha como objetivo explicar a origem das espécies vivas como sendo a resultante de processos de complexificação dos organismos vivos que, por necessidade de sobrevivência e adaptação ao meio, iam passando de níveis de menor para maior complexidade. A teoria darwiniana, quando surgiu, apresentou-se como altamente revolucionária por seu caráter “científico” que tentava desmistificar a teoria criacionista da geração espontânea. Na atualidade há correntes de pensamento que criticam o Evolucionismo Biológico e tentam provar que este não consegue explicar as organizações existentes na atualidade.

A Teoria da Geração Espontânea combate o Evolucionismo por considerá-lo uma agressão à “vontade de Deus”. O Cristianismo theilhardiano concilia criação com evolução, mantendo a autonomia de Deus e respeitando os princípios de cientificidade. Por mais modernas que possam parecer essas teorias, não passam de desdobramentos das doutrinas filosóficas pré-socráticas que já haviam esboçado o Evolucionismo como meio de explicar a origem do universo. Isto se dá quando se vai do **devir** heraclítico ao **materialismo** de Demócrito, passando pelos **quatro elementos** de Protágoras que se misturam para dar origem ao universo ou ao **teleologismo** de Anaxágoras com o conceito de **nous** (espírito) que ordenaria quanto existe com uma finalidade. O conceito de evolução se encontra presente na própria Bíblia do livro da Gênese ao parusíaco Apocalipse.



Da Biologia Spencer faz derivações para a Sociologia e justifica que todo grupo humano evolui de níveis de menor para maior complexidade e acrescenta que as transformações acontecem em um plano coletivo, quem muda não é o indivíduo singular e sim as condições coletivas de existência que provocam transformações no modo de agir dos indivíduos vinculados a coletividades. Outros sociólogos abordaram tipos específicos de evolucionismos como o *tecnológico* (Veblen), *demográfico* (Coste), *econômico* (Loria), *religioso* (Kidd), etc., como são apresentados por Nicolas Tamasheff, em sua obra *Teorias Sociológicas*. As mesmas críticas feitas ao Evolucionismo biológico, podem ser feitas ao Evolucionismo sociológico, no sentido que as transformações não necessariamente conduzem a níveis de maior complexidade e, que em muitos casos, as mudanças levam a processos de simplificação e até degenerescência.

A perspectiva evolucionista encontra-se presente na lingüística, mesmo que não haja suficiente bibliografia explícita sobre tal assunto. O mesmo sentido da Biologia e da Sociologia pode ser aplicado à Lingüística na análise teórica e evolucionista da linguagem. As formas de comunicação tanto individuais quanto coletivas iniciam com estruturas bastante simples como o chilreio ou o grito (indivíduo) e sinais ou expressões de baixa complexidade morfo-sintática (coletividade), mesmo que a complexidade semântica se dê em todos os níveis lingüísticos e dependa mais dos contextos simbólicos do que do nível de evolução dos componentes grafo-lingüísticos. As estruturas lingüísticas vão se enriquecendo com a influência de outras línguas, o aparecimento de outros elementos significantes e o surgimento de novos mecanismos descritivos. Todavia, a semântica de uma expressão indígena, morfologicamente simples, pode ser de um alto nível de complexidade simbólica.

O Evolucionismo, na concepção spenceriana, pressupõe que as mutações seriam a lei suprema de todo vir a ser. Esta teoria apresenta várias tendências a respeito da necessidade do progresso: segundo algumas, a mudança exige avanço; para outras, o crescimento depende



de certas condições inerentes a cada tipo de movimento. Há uma tendência do homogêneo ou uniforme tornar-se heterogêneo ou multiforme. Os diferentes efeitos de forças persistentes sobre várias partes do homogêneo têm de causar diferenças que levam a um desenvolvimento futuro. Ora, esta transformação não necessariamente indica progresso, o movimento pode provocar efeitos avessos que geram estagnação ou retrocesso. Se aplicado este princípio às línguas que culturalmente sofrem o impacto de processos de alta proteção e conservação, o resultado será a lentidão das transformações e, até, retrocessos que levam à hipótese de que na atualidade haveria aproximadamente cem (100) línguas modernas em processo de extinção, entre as quais se conta a Língua Francesa. De outro lado, mudanças ocorridas na Língua Portuguesa falada no Brasil fazem desta um sistema reconhecido internacionalmente e diferente da Língua Portuguesa lusitana e da língua falada em países Africanos de Língua Portuguesa.

Das três Leis do Evolucionismo (persistência da força, indestrutibilidade da matéria e continuidade do movimento), a segunda não tem aplicabilidade direta na Lingüística. A Lei da persistência da força indica a existência de alguma causa final que transcende o conhecimento. Todo grupo humano assimila elementos de fora e transforma, mesmo sem saber, seu instrumento de comunicação. A dinâmica do movimento lingüístico força a formalização e aceitação de mudanças nos padrões comunicativos (alterações gramaticais). A evolução dos processos lingüísticos é constante e não parará enquanto houver quaisquer sinais de vida que superem a Ordem Biótica.

De acordo com a Lei da continuidade do movimento, a energia, embora passe de uma para outra forma, persiste sempre. Quaisquer formas de linguagem precisam do investimento de energia, variando somente os tipos e a quantidade utilizada. De qualquer sorte, só haverá manifestações lingüísticas se existirem seres capazes de despender teleologicamente seus reservatórios de energia. Sem movimento não haverá transformação da potência lingüística em ato comunicacional.



Uma das proposições acrescentadas às Leis da Evolução afirma que há uma tendência de tudo para mover-se ao longo da linha de menor resistência e maior atração. A resistência à Gramática Normativa confirma essa tendência. A acomodação da língua a situações geo-espaciais e a incorporação de termos e variantes de outras línguas são expressão da predominância da Lei do menor esforço. As Línguas Crioulas constituem a concretização dessa Lei, já que de duas línguas, ou mais, é criada uma terceira de menor complexidade estrutural.

Há falares locais que se formam por acoples de termos e/ou expressões que exigem menos esforço e são mais atrativas, ora pela sonoridade, ora pela origem que pode colocar, simbolicamente, aos usuários desses sistemas em situação de *quase - igualdade* com comunidades de maior prestígio pelo fato de utilizarem o seu instrumento de comunicação. Comunidades do Caribe fazem híbridos da Língua Espanhola com a Língua Inglesa ou a Francesa porque além do sentimento de estarem falando a língua dos "superiores", não precisam se esforçar para assimilar uma segunda estrutura lingüística: pensam com a lógica da Língua Espanhola, mas incorporam termos atrativos e de relativa facilidade que conseguem memorizar da Língua Inglesa. Além dos elementos psicológicos, conseguem comunicar-se em um sistema informal que se assemelha a uma segunda língua sem dominar o outro código.

É possível que essas neo-estruturas lingüísticas evoluam como Línguas Crioulas ou cheguem, com os séculos, ao estatuto alcançado pelas línguas neolatinas. Todavia, é bastante provável que permaneçam como gírias, pressionando inconscientemente as mudanças das línguas germinais, mas os movimentos contínuos levem ao surgimento de novos esquemas lingüísticos que, com o passar do tempo, terminem no esquecimento. Ao falar de processo pensamos em movimento, dinamismo e, por isso, os processos lingüísticos dão-nos a idéia de algo que está em constante evolução, mas que não implica necessariamente em progresso.





## TEORIA GERATIVISTA

A Teoria Gerativista foi desenvolvida por Noam Chomsky e seus seguidores. A afirmação de que “aquisição da linguagem pode ser interpretada tanto como aquisição de linguagem quanto como aquisição de uma língua” (LYONS, 1987, p. 231) é problemática porque, se o conceito de linguagem é expandido não só no sentido de língua grafo-fônica, mas também de linguagem numérica ou linguagem cibernética, ou ainda de linguagem cênica, não se adquire a linguagem, mas aprende-se a trabalhá-la (decodificar diversos tipos de símbolos – códigos lingüísticos).

Cassirer entende que a atividade criadora da ciência e da linguagem tem como base a *forma* e tanto criação quanto forma dependem da concepção de Humboldt da linguagem como energia, isto é, a criação da linguagem (transformação de energia), exige um esforço que tem como base a *forma*. Chomsky, além dessas duas referências, tem como marco mais geral, em que se situa seu pensamento, o cartesianismo e a gramática lógica de Port-Royal. Segundo Chomsky, as formas criadas pelo homem estão sujeitas a dois tipos de regras: as interiores às palavras e aos conceitos; outras exteriores. O conceito de forma compreende tanto as regras de construção como as regras de formação das palavras e as regras de formação dos conceitos que determinam a classe das palavras fundamentais de uma língua (RODRIGUEZ, 1989, pp. 177/88).

A forma da linguagem é uma estrutura sistemática e, por isso, não contém elementos isolados, senão que abrange a todos na medida em que se possa descobrir neles um método de formação do discurso. Isto implica a necessidade de uma gramática que abranja toda frase real possível e; que proporcione uma descrição formal da mesma, que contenha referências ao sentido do conteúdo semântico da frase como a sua forma e estrutura fonológica. A linguagem exige competências que estão além do simples ato de transmissão ou comunicação, considerado em si mesmo fonética, sintática e semanticamente. Trata-se da possibilidade que cada



indivíduo de uma comunidade idiomática possui para produzir frases que nunca havia usado anteriormente e que serão reconhecidas e entendidas pelos ouvintes. Nesse sentido, Chomsky segue o mesmo modelo exposto por Hume, na *Investigação acerca do entendimento humano*. ..

Falar de criatividade não muda o horizonte empirista de Hume para quem os novos conceitos surgem da mistura de outros já conhecidos. Teríamos de acreditar na existência de uma faculdade, isto é, uma potencialidade que pode mudar o quadro presente ou não. Onde está a criatividade dos neologismos? Em trazer algo já existente e adaptá-lo a novas realidades. Afirmar que linguagem é independente de estímulo exige dizer linguagem mental, pois uma pessoa surda não fala porque não tem estímulo e nem referência. Ele cria uma língua própria, não, porém, a utilizada pelo seu grupo. Pretende-se, na perspectiva gerativa, encontrar o conjunto finito de regras que, partindo de um número finito de unidades, permite, por uma série de transformações sucessivas, também em número finito, alcançar a formação das infinitas frases que podem ser corretamente construídas em uma língua. Dentro deste espectro, a Gramática Gerativa (que germina/gera) orienta-se naturalmente em direção a sua transformação sintática.

Para Chomsky, a faculdade humana da linguagem é inata e específica da espécie, isto é, transmitida geneticamente e peculiar à espécie. Parece que há dificuldades de entendimento do que viria a ser inato no referente à linguagem. Se o que Chomsky chama de linguagem inata é a capacidade de linguagem, aceitaríamos que o inatismo chomskiano sustenta-se nas categorias *a priori* do entendimento apresentadas por Kant. Se não for assim, não é lógico aceitar que a aquisição de uma língua é inata: a que língua se refere? Quem adquire um sistema lingüístico e não domina outros. Será que isso está relacionado com inteligência? Certamente não! A aquisição dos diversos sistemas ou códigos lingüísticos depende fundamentalmente de estimulação e motivação, desde que a pessoa possua sua estrutura biológica normal.



## TEORIA FUNCIONALISTA

Às vezes, o termo função é utilizado no sentido matemático, significando uma variável cuja grandeza é determinada pela grandeza de outra variável. Outras vezes, a função refere-se à contribuição feita por uma parte a um todo. A perspectiva funcional freqüentemente se volta para a integração da parte em todos, ou o que é quase a mesma coisa, à interdependência das partes. As partes de um corpo executam funções essenciais à persistência do todo e, portanto, são interdependentes e estão mais ou menos integradas. A análise funcional é mais antiga na Biologia, Psicologia e Antropologia do que em outras ciências. A Biologia, como ciência, organiza-se em torno da idéia de que cada órgão, ou parte do sistema denominado organismo, realiza funções essenciais à sobrevivência do corpo e da espécie a que pertence. Como corolário, destaca o princípio da interdependência dos órgãos. A Psicologia na análise do processo mental (cognição, emoção, volição) não encontrou uma unidade operante, mas a *Gestalt* sustenta que qualquer elemento do processo mental precisa ser estudado no contexto do todo, porque o significado de cada elemento varia de acordo com a configuração total de que ele faz parte. Franz Boas, em descrições etnológicas, afirma que a arte e o estilo característicos de um povo só podem ser entendidos estudando-se seus produtos como um todo.

A Teoria Funcionalista alcança sua máxima expressão na Sociologia. Busca explicar o ordenamento da sociedade através do modelo mecanicista de trabalho do corpo humano. Esta teoria deriva seu nome do conceito de "Função", no sentido de tarefa, e está associada às atividades desenvolvidas pelos órgãos que compõem a "máquina" humana. A explicação mecânico-organicista aplica-se à sociedade que, igualmente, seria um corpo composto por órgãos (Instituições) que desempenham tarefas (funções). Existe o conceito de especialização em que cada membro do corpo possui certa autonomia, isto é, aquilo que um órgão faz nenhum outro realiza. Todavia, os elementos que integram o "corpo"



atuam em interdependência, um contribui com o desenvolvimento dos outros e igualmente depende deles.

A Teoria Funcionalista ressent-se pelo excessivo mecanicismo, já que analisa o elemento singular agindo mecanicamente e não cuida das interligações do Todo como o faz o Sistemismo. Não parece apropriado tratar o funcionalismo como uma doutrina ou teoria explicativa de uma realidade dada. Esta teoria tem sido utilizada como instrumento de manipulação analítica, meio de trabalho utilizável nas fases lógicas de construção, fundamentação e verificação do raciocínio científico.

Se na Sociologia o funcionalismo foi considerado como um movimento dentro de uma doutrina mais geral chamada de "organicismo", na Lingüística foi considerado um movimento que fazia parte da Teoria Estruturalista. O funcionalismo dá a idéia de ser útil somente na descrição e explicação de sistemas relativamente simples e estáveis, pressupõe a análise de fenômenos sincrônicos e uma visão holística que leva a acreditar que é um método meramente descritivo. A análise funcionalista não pode ser aplicada a fatores irreversíveis e variáveis (ou históricos) da mudança dos fatos sociais como a linguagem. A análise funcionalista não tem utilidade em explicações sistemáticas, generalizáveis e comprováveis de uniformidades de seqüência.

A Teoria Funcionalista também fincou raízes na Lingüística, sendo predominante, por muito tempo, sobretudo na gramática normativa convencional, em que se via a língua como um corpo composto de órgãos que desempenhavam tarefas específicas, só que o estudo dessas unidades era feito de modo isolado, predominando a decomposição morfológica em detrimento da análise sintática e semântica. Como no estudo funcionalista da sociedade perdiam-se elementos significativos, na lingüística, igualmente, perdiam-se elementos não mórficos, mas sintáticos, que influenciam o sentido do discurso, dependendo das diversas estruturações discursivas.

O princípio de que as multiplicidades dos elementos de alguns fenômenos não explicam a sua unidade está refletido na exigência de que



os fatos lingüísticos sejam explicados lingüisticamente. Do mesmo modo que Durkheim se opõe ao contratualismo inglês ao afirmar que o indivíduo e sua consciência geram a sociedade, também do ponto de vista da individualidade lingüística como unidade básica da cultura de um povo, tal singularidade é um produto coletivo. Pode-se dizer que a língua, como um todo, gera as particularidades e determina a função das partes que a constituem. A língua acontece como resultado de movimentos naturais e orgânicos e independe de movimentos singulares.

A unidade lingüística dá-se na dinâmica comunicativa em torno da qual as diversas estruturas emergem e se desenvolvem. O todo não é idêntico à soma das partes, por isso devem buscar-se as causas imediatas e determinantes dos fatos que aparecem. O grupo que fala uma língua pensa, sente e age de modo diferente do que os indivíduos quando estão isolados. Um fato lingüístico pode e deve ser explicado por outro fato da mesma natureza que o precedeu. É o movimento dinâmico que governa a vida de uma língua. Esta só é real quando está em ação. Os fatos lingüísticos têm o caráter de regras sancionadas socialmente que determinam certos comportamentos, e os indivíduos que falam determinada língua possuem uma identificação com o seu grupo ou sociedade. A linguagem é assim um sistema de funções sociais e, como tal, expressão das condições e necessidades sociais.

Parece que o caminho mais lógico é tornar o processo lingüístico o mais rígido possível e isto se dá pela norma padrão. Quando se acentuam os processos comunicativos grupais, não os individuais, estamos enfatizando os valores gerais, não as veleidades de uns poucos. Para cumprir os imperativos sociais, os membros de um grupo devem internalizar suas representações coletivas. Do ponto de vista funcionalista, a existência de vários sistemas lingüísticos numa mesma coletividade aparece *a priori* como sendo um fator de divisão e desintegração. A língua não pode ser instrumento de desigualdade, porque ela é expressão dos sentimentos da coletividade total. As reformas lingüísticas devem ser sempre graduais e não impositivas. Elas nunca objetivam criar uma nova



língua, mas, sim, corrigi-la, melhorá-la e/ou adaptá-la aos novos contextos sociais.

Para o funcionalismo, a estrutura dos sistemas lingüísticos é determinada pela adaptação teleológica desses sistemas à função, única ou principal, de expressar o pensamento. Na Lingüística, o funcionalismo tendeu a enfatizar o caráter instrumental da linguagem. É possível que os lingüistas tenham exagerado, às vezes, a arbitrariedade dos processos gramaticais e deixado de atribuir o devido peso a considerações funcionais na descrição de determinados fenômenos. O funcionalismo caracteriza-se pela crença de que as estruturas fonológica, gramatical e semântica das línguas são determinadas pelas funções que têm que exercer nas sociedades em que operam.

#### TEORIA CRÍTICA GENÉTICA

A crítica genética surge na década de 1970, ocupando um novo lugar na pesquisa literária francesa. Este campo de atuação surge com a consciência de que precisa de outras ciências que lhe dêem sustentação, como a Sociologia, História e Psicologia, mas está ligada de modo especial à Lingüística. No Brasil, a crítica genética inicia-se em 1985 e, por sua vinculação à Lingüística, parte do prototexto – esboço da obra –, diferentemente do paratexto, que é um texto explicativo da obra literária. A crítica genética apóia-se na filologia e instaura um novo olhar sobre a literatura, que se dá em oposição à fixidez e ao fechamento textual do Estruturalismo de que, todavia, herdou os métodos de análise e as reflexões sobre a textualidade, constituindo uma réplica à *estética da recepção* ao definir eixos de leitura para o ato de *produção*.

O novo olhar da crítica genética implica definir prioridades da produção sobre o produto; da escrita sobre o escrito; da textualização sobre o texto; do múltiplo sobre o finito; do virtual sobre o não variável; do dinâmico sobre o estático; da operação sobre a obra; da gênese sobre a estrutura; da enunciação sobre a força do impresso. Essas prioridades da crítica genética levam à procura de seu objeto que são os manuscritos



literários, na medida em que trazem o traço de uma dinâmica, a do texto em progresso; à definição de seu método que é o desnudamento do corpo e do curso da escrita e a construção de uma série de hipóteses sobre a operações de escrita e; à percepção de sua mira que é a literatura como um fazer, como atividade e, esse movimento que implica uma leitura dos manuscritos literários tendo essas prioridades como base, pode sacudir nossas certezas sobre o texto, sobre a obra e sobre a estética em geral. Todavia, o objeto, método e mira da crítica genética até aqui descritos são mecanismos, não de produção literária, mas sim de compreensão e interpretação do fato literário que contribuem com a validação ética e epistemológica da obra de arte.

Talvez a maior limitação da crítica genética seja a conservação dos manuscritos e a compreensão lingüística e cultural dos mesmos, quando é possível ter acesso a eles. Especialistas da área apontam para um lapso de tempo de duzentos anos como sendo o período razoável dentro do qual seria possível trabalhar a gênese de um texto literário com critérios de objetividade científica. No entanto, faz-se necessário indagar se a publicação de esboços e rascunhos estaria constituindo um novo gênero literário ou se seria simplesmente um oportunismo que utilizaria a análise do fato da produção literária como simples efeito de moda ou, ainda, se realmente estaríamos assistindo ao surgimento de um fato novo na produção literária. As respostas a essas inquirições devem deixar claro que o trabalho com o prototexto é uma atividade metaliterária que ajuda na compreensão, interpretação e validação do texto literário. Contudo, se de um lado o interesse pelo manuscrito como novo objeto de estudo testemunha um interesse pela literatura em ato que acompanha uma vontade de dessacralizar e desmistificar o texto dito definitivo por intermédio da utilização de critérios históricos de credibilização; de outro lado, teríamos de concordar que este tipo de abordagem estaria limitando o âmbito das possibilidades do texto, do leitor, e do próprio autor, haja vista que mesmo de posse de metatextos do autor, o caráter de criação



supera uma compreensão sincrônica, já que quem escreve é sujeito em movimento e como tal em transformação.

Historicamente, um campo de pesquisa que se está constituindo, ou um modelo de conceitualização que está nascendo sempre têm sido marcados por “metáforas vivas”. O discurso da crítica genética se encontra atravessado, de modo particular, por duas séries metafóricas que são: uma de tipo organicista, a outra de tipo construtivista. O primeiro tipo de metáfora da escrita (a organicista) é mais antiga: à imagem de Deus e da Criação do mundo, o autor procede à gênese, ao nascimento do texto. Da criação divina, o vocabulário dos geneticistas passa à (pro)criação humana, que produz então toda uma série de novas metáforas: *gestação, parto, geração, concepção, embrião, aborto*. A plena identificação com essa série metafórica pode ser encontrada em afirmações como “quem gera um filho não escolhe o sexo e nem o que ele fará de sua vida”, e assim, a obra nasce como uma criança, é parida, foi concebida, carregada, nutrida; mas a sua sobrevivência e as condições de perpetuação que lhe dão vida ou a relegam ao esquecimento (morte), constituem enigmas insondáveis para o autor.

O segundo tipo de metáfora, a construtivista, opõe-se à primeira (organicista) como o artificial se opõe ao natural, o cálculo à pulsão, a coerção ao desejo. Historicamente surgiu da reação contra a imagem do poeta inspirado, contra a poesia como dom dos Deuses. Nenhum ponto de composição pode ser atribuído ao acaso ou à intuição, e não é possível dizer que a obra caminhou passo a passo, para sua solução, com a precisão e a rigorosa lógica de um problema matemático: um poema não nasce por inspiração, ele é fabricado. Como entender essas duas séries metafóricas como caminhos antagônicos quando se sabe que todo processo natural obedece a uma lógica intrínseca e que não pode fugir das condições necessárias sem as quais não é possível perpetuar a existência (para que uma criança seja gerada e preciso que se tenha um óvulo fecundado por um esperma e que haja um útero que alimente o feto durante o período necessário para viver com relativa autonomia). No





entanto, o fato de existirem essas condições *sine qua non*, não garante a procriação ou a gestação de um feto. Do ponto de vista construtivista diríamos que não é suficiente que se tenha vontade de gerar um filho para que ele nasça, já que existem condições internas e externas que tornam possível ou inviabilizam o processo de gestação. Este contraponto leva-nos a entender que as séries metafóricas antes mencionadas não são antagônicas entre si, mas que, pelo contrário, constituem duas formas complementares de compreender o processo e as condições de produção literária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática, enquanto fazer acontecer no plano do material concreto permite que haja avanços como decorrência da necessidade e, até, por motivos circunstanciais. A Teoria apresenta-se como um dos principais instrumentos propulsores do desenvolvimento das diversas atividades humanas. É graças a ela que criamos modelos que nos permitem experimentar e procurar ousadamente desvendar novos horizontes rumo à transformação da vida social do ser humano.

As diversas Teorias apresentadas não são novas nem desconhecidas no meio acadêmico. No entanto, colocá-las lado a lado ajuda-nos a entender alguns mecanismos de interação científica, pois, embora algumas delas tenham maior representatividade em umas ciências do que em outras, todas terminam tendo elementos comuns que permite que haja as chamadas “apropriações” de Teorias desenvolvidas em determinados âmbitos, em outros campos de experimentação científica: é desse modo que, por exemplo, o conceito de estrutura pode ser aplicado analogamente da Arquitetura à Antropologia, e desta à Lingüística, e assim sucessivamente.

Esperamos que a exposição das Teorias aqui apresentadas ajude o leitor a compreender como, um mesmo arcabouço conceitual pode ser aplicado a diferentes objetos e sobre diversas circunstâncias. É o que



chamamos de aproximações e apropriações, já que teorias desenvolvidas em determinadas ciências passam a ter valor e a serem utilizadas (por apropriação) por outras ciências.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland, *Elementos de Semiologia*, 15. ed., São Paulo, Cultrix, 2003.
- BOAS, Franz, *A formação da Antropologia Americana*, São Paulo, Contraponto, 2004.
- DUBOIS, Jean, *Dicionário de Lingüística*, 15 ed., São Paulo, Cultrix, 2005.
- DUMONT, Louis, *Homo hierarchicus*, 2. ed., São Paulo, Edusp, 1996.
- DURKHEIM, Émile, *As formas elementares da vida religiosa*, São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- FERNANDES, Florestan, *Elementos de sociologia teórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1970.
- GOMES, Cândido, *Educação em perspectiva sociológica*, 2. ed., São Paulo, EPU, 1989.
- HABERMAS, J., *Teoria de la acción comunicativa*, Buenos Aires, Taurus, 1999.
- HJELMSLEV, Louis, *Ensaio lingüísticos*, São Paulo, Perspectiva, 1991.
- HUME, David, *Investigação acerca do entendimento humano*, 5. ed., São Paulo, Nova Cultura, 1992.
- LEACH, E. R., *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*, São Paulo, Edusp, 1996.
- LYONS, John, *Língua e Linguagem: uma introdução*, Rio de Janeiro, LTC, 1987.
- RODRIGUEZ, Vicente Muñiz, *Introducción a la filosofía del lenguaje*, Madrid, Anthropos, 1989.
- SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de lingüística geral*, 2. ed., São Paulo, Cultrix, 1986.



STRASSER, Hermann, *A estrutura normativa da Sociologia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

TIMASHEFF, N. S., *Teoria Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, s.d.

TODOROV, Tzvetan, *As estruturas narrativas*, São Paulo, Perspectiva, 1979.